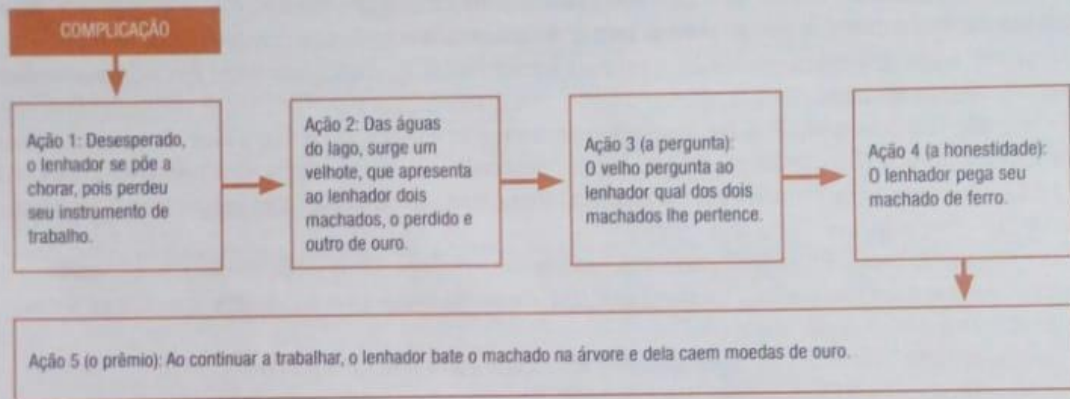
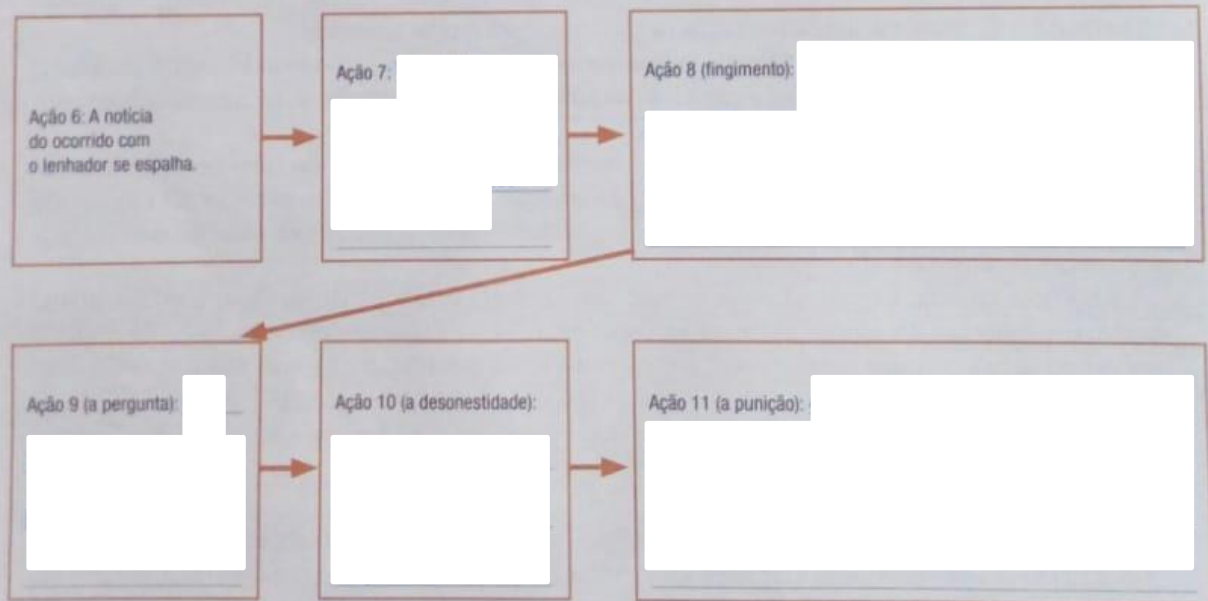


1. Com colchetes, identifique a introdução do conto.
2. Qual fato gera a complicação, ou seja, o elemento que rompe com o equilíbrio da situação inicial, criando um problema na história?

3. Em uma narrativa, os fatos narrados estão todos encadeados. Observe como as ações, na primeira parte do conto, estão interligadas.



- a) Complete agora o esquema a seguir mostrando como uma ação é causa/consequência de outra.



- b) As ações da primeira e da segunda parte do conto são semelhantes. Por que isso acontece?

## Cada qual com seu machado

Coreia

Ele é um velho camponês, calejado e contente em seu dia a dia. Durante a primavera e o verão, cultiva a terra. No outono e no inverno, racha lenha para vender no mercado. Ganha sempre muito pouco, mas dá para se manter com uns apertos, e assim vai levando a vida, sem se queixar de sua sorte.]

É-lo na mata, certa vez, pelejando como pode, à beira de um grande lago, para derrubar uma árvore. A madeira é dura, resiste aos golpes. O homem sua, para um instante, reflete, examina o corte feito e deduz que tem de bater mais forte. Seus músculos já se enrijeceram para continuar tentando. Ele pega novamente o machado, depois de cuspir nas mãos, e com todo vigor retorna à luta. Logo, porém, se impacienta, vendo como avança tão pouco. Bate e rebate, mas fica com uma raiva danada. Insiste e xinga. De repente, a um golpe descontrolado, o cabo da ferramenta se quebra, o machado voa pelo ar e – tiburum! – vai cair dentro do lago.

O lenhador se desespera. Era um machado precioso, o único que ele tinha, a base de seu penoso sustento. Como recuperá-lo, se foi parar lá no fundo? Sentando-se à beira d'água, desanimado e já descrente de tudo, ele agora, pela primeira vez, se lastima: "Puxa, mas isso foi acontecer logo a mim!" Seu desamparo é tão grande que ele começa a chorar.

Sem mais nem menos, forma-se então um redemoinho no lago. Uma onda se eleva, por encanto, e em seu bojo vem à tona um velhote muito engraçado, de barba branca até os joelhos, que nestes termos se dirige ao camponês boquiaberto:

"Calma, amigo! Não precisa chorar que isso tem jeito. Tudo que cai aqui eu encontro."

De fato, mostra-lhe em cada mão um machado, um que era o perdido ainda há pouco, outro que era todo de ouro, e pergunta:

"Qual dos dois é o seu?"

"O meu é o de ferro, este que tem marcas de uso e está com o cabo quebrado."

"Pois então pegue ele aí", diz o velhote, jogando-o logo para a terra e acrescentando, à guisa de adeus, antes de sumir lago adentro com uma expressão satisfeita: "Continue assim honesto, que isso é bom para todos."

O lenhador, de tão contente, nem estranha o acontecido. Corta na mata um cabo novo, encava sua ferramenta e recomeça o trabalho. A primeira pancada, que ecoa longe, uma surpresa! Um monte de moedas de ouro brota em quantidade da árvore. E o pobre lenhador, ao voltar para casa, quando começa a escurecer, finalmente é um homem rico.

A notícia se espalha. Um seu vizinho, ganancioso, vai sem demora perguntar-lhe o que houve. Mal recebe, em minúcias, um relato da história, ele segue para o lago nas pegadas do outro. Disposto a fazer o mesmo, começa a derrubar uma árvore e, de propósito, deixa o machado escapular para a água. Depois, senta-se à beira e chora, ou melhor, tenta chorar, mas apenas se contorce em caretas, porque seus olhos, na verdade, nem se molham de lágrimas. Apesar disso, o velhote surge e o consola, mostra-lhe dois machados, o dele e o que era de ouro, e pergunta tal como antes:

"Qual é o seu?"

O homem diz que é o de ouro, que o velhote então lhe atira, sumindo sem comentários.

Ferramenta em punho, o lenhador ganancioso volta ligeiro para a árvore e, cheio de entusiasmo e esperança, põe toda sua força nos braços para lhe desferir novos golpes. Mas que surpresa! Dessa vez não são moedas, e sim cobras venenosas, que saem pela brecha do tronco numa sucessão infinita, forçando-o a correr de pavor pelo mundo afora.

Recriado por Leonardo Fróes

9. O título da obra sugere um tema bucólico (relativo à vida e aos costumes do campo). Contudo, o tema é outro. De que trata o conto?

10. Onde e quando se deram os acontecimentos narrados?

11. Assinale a alternativa que se aplica ao conto "Uma casa no campo".

- a) É a história de amor de dois moradores de Copacabana, no Rio de Janeiro, até a separação deles.
- b) É uma tentativa do narrador de preencher com a palavra o vazio que a morte do companheiro lhe trouxe.
- c) É uma forma de o narrador despedir-se da solidão em que se viu forçado a viver desde a morte do amigo.
- d) Expressa a necessidade e o desejo consciente do narrador de eliminar toda e qualquer lembrança do morto para seguir adiante.
- e) Representa a desistência do narrador de sua própria vida, ao decidir isolar-se na casa e esperar a morte.

12. No conto, as ações são reveladas ou inferidas pelas lembranças do narrador-personagem. Comente e/ou exemplifique com passagens do texto as características do narrador indicadas a seguir.

a) É homem urbano.

b) Tem certo poder aquisitivo.

c) Vive isolado, sozinho.

13. O que representa a casa no campo nessa história?

Por que foi que, de repente, aquela cartacha atraiu irresistivelmente os seus olhos?

— Pare o carro. Achamos.

— Achamos o quê?

— A casa.

— Só estou vendo um matagal.

— É ela! Só pode ser ela! Será a nossa casa no campo.

[...]

Por que brotou a casa no capinzal e por que a casa veio cair nas minhas mãos? [...]

O destino das coisas é forte e humano. Ele pode ser constatado na paisagem caipira e ensolarada que enxergo através da janela aberta nesta manhã. Pode estar no fio de náilon estendido que, faça sol, faça chuva, circunda a casa e nunca apodrece. Dele ainda caem aos frangalhos fiapos de bandeirolas nas cores verde, amarela e azul, completamente desbotadas. (Ele quis decorar a casa para uma antiga copa do mundo, a dos Estados Unidos. Dizia que a gente não podia decepcionar a esperança dos vizinhos mais humildes.) Pode estar em cada arbusto ou árvore que floresce quando tem de florescer. Pode estar em cada fruto que amadurece ao calor do sol e sob a água da chuva. Pode estar em cada pé de alface ou tomate que a empregada colhe na horta para a salada. Pode estar nas flores que colho no jardim e murcham na jarra. Todas as manhãs troco a água da jarra. Com tesoura corto o pedacinho final do cabo da flor, aquele que fica mais encharcado e prenuncia o apodrecimento. Mesmo assim as flores murcham numa velocidade que me assusta, a mim que nunca tive a **pachorra** de acompanhar com afeto a vida mais curta das aves domésticas ou dos cachorros. O destino das coisas é forte e humano, pode ser apalpado na falta que ele faz.

Ele me legou um vazio que não cabe em nenhum testamento. Um oco. Um oco preenchido com a casa. Posso dizer que a casa é um presente dele. O melhor presente que me deu. Aqui sobrevivo depois de ter **hipotecado** o apartamento da cidade. Vivo como posso depois de ter secado a conta bancária escrevendo cheques e mais cheques para o pagamento de médicos, remédios e hospitais. Foram sofridos, custosos e caros os últimos dias dele. Só eu sei. Aqui, imitando-o, aprendi a conversar com a empregada e a dar ordens ao jardineiro. Aqui pretendo viver até os meus últimos dias. Longe dos amigos, como era do gosto dele. Sem ele na casa presenteada por ele. Na casa que foi dele e hoje é minha.

Também estaria faltando com a verdade se recorresse ao truque do presente. O melhor presente que ele me deu não é a casa. Ele me alertou para a ideia de ter outra casa, no campo. Foi ele quem me convenceu da validade da ideia. [...]

Esta casa é dele. Como está demorando a sua volta. Deixei de acompanhar o correr dos dias, meses e anos nas várias folhinhas oferecidas pelo açougueiro. Não tenho mais calendário em casa. De manhã, quando o coconicar dos galos e o **solfejar** dos pássaros são mais **alvissareiros**, associo a minha voz à cantoria, dizendo e repetindo, alto, o nome dele. Depois, digo-lhe que continuo à espera dele para poder devolver-lhe a casa. Um dia destes ele ainda vai me responder.

De novo, examinando-a com orgulho, vai dizer que a casa está como a deixou, que o jardim está como ele imaginou.

— Você disse que eu não saberia cuidar da casa, não disse? Que era melhor **passá-la nos cobres** e cobrir a hipoteca do apartamento. Cuidei muito bem de tudo. Menos das bandeirolas verdes, amarelas e azuis. O vento e a chuva as rasgaram e a luz forte do sol as desbotou. Fantasiado de fiapos, ficou o fio de náilon esticado, circundando a casa. Intacto.

SANTIAGO, Sílvia. Uma casa de campo. In: BRANDÃO, Ignácio de Loyola et al. *Brilho nos olhos mortos e outras histórias*. São Paulo: Sesc São Paulo, Lazuli, 2004. p. 93-96. (Coleção e). O conto trata, entre outras questões, sobre a homossexualidade, um tema que, embora seja polêmico, não pode mais ser ignorado pela escola. Questões de gênero, ao serem discutidas em sala de aula, preparam o aluno para lidar, sem preconceito nem violência, com a diversidade presente na sociedade.

**pachorra**: falta de coisa, falta exagerada.

**hipotecado**: imóvel oferecido como garantia na tomada de um empréstimo de dinheiro.

**solfejar**: cantar em sílabas.

**alvissareiros**: que trazem boas-novas, prenunciando um acontecimento feliz.

**passá-la nos cobres**: vender-la.

4. Quais são o clímax da história e o desfecho?

[Blank space for answer]

5. Releia este trecho:

Sem mais nem menos, forma-se então um redemoinho no lago. Uma onda se eleva, por encanto, e em seu bojo vem à tona um velhote muito engraçado, de barba branca até os joelhos, que nestes termos se dirige ao camponês boquiaberto:

a) Quais são o tempo e o modo verbais predominantes nessa história? Justifique esse emprego.

[Blank space for answer]

b) Reescreva o trecho empregando o pretérito perfeito e/ou imperfeito do indicativo.

[Blank space for answer]

c) Explique por que o pretérito perfeito e o imperfeito são característicos dos textos narrativos.

[Blank space for answer]

6. Releia este trecho:

Ei-lo na mata, certa vez, pelejando como pode, à beira de um grande lago, para derrubar uma árvore. A madeira é dura, resiste aos golpes. O homem sua, para um instante, reflete, examina o corte feito e deduz que tem de bater mais forte. Seus músculos já se enrijeceram para continuar tentando. Ele pega novamente o machado, depois de cuspir nas mãos, e com todo vigor retorna à luta. Logo, porém, se impacienta, vendo como avança tão pouco. Bate e rebate, mas fica com uma raiva danada. Insiste e xinga. De repente, a um golpe descontrolado, o cabo da ferramenta se quebra, o machado voa pelo ar e – tiburum! – vai cair dentro do lago.

Qual a função dos termos em destaque?

[Blank space for answer]

7. Você classificaria esse conto como fantástico? Justifique sua resposta.

[Blank space for answer]

14. Releia as duas frases iniciais.

Esta casa é dele. Acabou ficando para mim.

Use a imaginação e reescreva o parágrafo inicial como se fossem as memórias de outra pessoa. Nessa reescrita, dê continuidade às frases iniciais e mantenha o foco narrativo e o caráter memorialista do texto.

---

---

---

---

---

---

---

---

15. Releia, agora, o trecho que inicia o desenlace da história.

Esta casa é dele. Como está demorando a sua volta.

Reescreva o final do conto dando continuidade a essas frases de maneira coerente com os fatos anteriores.

---

---

---

---

---

---

---

---

### Uma casa no campo

Esta casa é dele. Acabou ficando para mim. Não por uma questão de dinheiro. Sempre paguei por tudo. Paguei primeiro pela própria carcaça que indicava que ali outrora tinha morado gente. Paguei depois pelo material de construção. Também fui eu quem acertou, semana após semana, o salário dos operários. E da minha conta bancária foram sugados os sucessivos cheques que deram asas às mil e uma fantasias florais do jardineiro. O dinheiro veio sempre de mim. Ele é o legítimo proprietário da casa.

Esta casa é dele por uma questão de vontade. A vontade de ter uma casa longe de Copacabana foi dele. Foi dele a vontade de comprar por alguns vinténs a carcaça abandonada no meio do mato e mandar reconstruí-la a partir do zero quase absoluto. De procurar na Tijuca os donos velinhos e os herdeiros malandros, de perder a paciência com assinaturas, reconhecimento de firmas, cartório e escritura — foi vontade dele, reconheço. De desenhar imaginativamente o sistema de águas e eletricidade que faltava, de reconfigurar as novas dependências, o telhado e o **caramanchão** — tudo veio da vontade dele. De **apreçar** e escolher material nas casas de construção, de conversar pachorrentamente com cada operário, detendo-se na análise minuciosa da qualidade do trabalho executado. "Uma casa é construída para durar" — eram palavras ditas e repetidas por ele aos operários, que soavam a conselho e exigência. Também foi por vontade dele que foram impostos ao capinzal que circundava a carcaça — e praticamente a recobria — um jardim e uma horta que hoje fazem a graça do lugar e despertam os olhares cobiçosos dos vizinhos.

Foi minha apenas a força dos braços no volante e na troca de marchas, e o peso das pernas na embreagem e no freio. Atividade que durou o que tinha de durar, algumas horas de alguns fins de semana rodando com o carro pelos arredores das cidades serranas que cercam o Rio de Janeiro.

**caramanchão:** estrutura leve, construída em jardins, geralmente de madeira e coberta de vegetação, usada para descanso.

**apreçar:** perguntar ou discutir o preço.